

## Pegadas na transmissão do Movimento

Paulo Fernando Oliveira dos Santos  
Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano

Ótimo estar novamente na LacanoAmericana, reunião onde trabalha-se, discute-se, consente-se e dissente-se, tal como nos diz a convocatória deste nosso evento. O dispositivo aqui é marcado pela horizontalidade que permeia as instituições e os analistas presentes. Vir para trocar, discutir e fazer circular ideias é algo que me é caro, a mim e à Escola a qual pertencço - Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano (EBPMF) -, e que marca o meu e também o percurso do Movimento Freudiano na psicanálise.

Eu, em nome próprio e enquanto membro-analista do Movimento Freudiano, trouxe à baila na última Lacano questões referentes à passagem de *gradus* em nossa prática. Hoje, quero continuar a colocar na roda de conversa questões referentes à instituição e à transmissão da psicanálise trazendo reflexões sobre o 41º Encontro Anual da EBPMF, ocorrido no fim de 2018.

Se Lacan, em sua Proposição de 9 de outubro de 67, ao discutir as estruturas e garantias da posição do analista, afirma o princípio de que o analista se autoriza por si mesmo e por seus pares - pares paradoxalmente ímpares em sua raiz -, aqui, a ideia de trazer reflexões sobre o funcionamento da nossa Escola deve-se ao entendimento de que nesta reunião, a LacanoAmericana, a instituição está diante de seus pares - também ímpares em seu fundamento. E diante de pares/ímpares, ao falar de seu funcionamento, a Escola situa-se como realizando um controle externo, ideia também apresentada por Lacan no Ato de Fundação de sua Escola.

O Movimento Freudiano, tendo sido fundado em 1983, em seu compromisso fundamental com a transmissão da psicanálise realiza todo ano um Encontro, pelo menos, que marca um momento diferente dos passos dados durante todo o ano em nossas atividades cotidianas - Curso Axial, cartéis, espaços de discussão da prática analítica, espaços de discussão Psicanálise e Psiquiatria, Psicanálise & Arte, grupos de leitura, grupos de estudo etc. Se as atividades cotidianas pudessem ser concebidas como encontros automáticos, seriadamente acontecendo num dado intervalo de tempo, em um certo estilo da repetição como *autômaton*, poderíamos aproximar o Encontro Anual de um momento fora da série dos passos cotidianos, um certo convite ao tíquico, como se coubesse um convite ao tíquico?

Lacan, novamente em sua Proposição de 9 de outubro de 67, esquadrinha a passagem de analisante à posição de analista. No Movimento Freudiano trabalhamos a noção de passagem não só no sentido lacaniano de fim de análise e ocupação da posição de analista da Escola, mas também para operacionalizarmos a mudança de *gradus*. Atualmente nos organizamos basicamente em cinco diferentes *gradus*: cursista, analista praticante, membro analista, analista correspondente e analista da Escola. Um dos pontos fundamentais que dizem respeito aos diferentes *gradus* é o compromisso com a transmissão da psicanálise na Escola. Não se trata de uma hierarquia, mas de diferentes posições. Como apresentei na última LacanoAmericana, no Movimento Freudiano as passagens de *gradus* são construídas a cada pedido de passagem.

Assim como cada passagem de *gradus* é uma passagem singular e, por isso, construída para cada passante a partir de uma estrutura básica proposta por Lacan - passante, passadores e júri -, isto sim da dimensão do universal, cada Encontro Anual da EBPMF é construído de um modo também singular a cada ano, sendo a estrutura da Escola e seu compromisso fundamental com a transmissão a dimensão do universal em jogo para cada Encontro singular. Deste modo, já tivemos Encontros que consistiram na apresentação de trabalhos escritos individualmente por todos os participantes da Escola, em outros apresentação de produtos de cartéis, em outros mesas de debates com convidados externos, em outros trabalhos elaborados somente pelos analistas, em outros trabalhos elaborados pelos não-analistas, em outros ainda depoimentos sobre a experiência sobre o processo de mudança de *gradus*. Trata-se de um esforço para não cairmos nos moldes burocráticos universitários tão criticados por Lacan a partir de suas relações e rompimentos com a IPA (International Psychoanalytical Association), instituição engessada e gesseira construída pelos pós-freudianos. Nosso esforço é levar adiante a psicanálise em seu frescor de invenção, não de repetição de um modelo.

Esse nosso 41º Encontro da EBPMF, cujo título foi “Espaços de Transmissão”, foi concebido para funcionar em três momentos distintos e conexos. O primeiro configurou-se em quatro espaços simultâneos de escuta a partir da seguinte questão proposta aos cursistas: “como foi para você a transmissão da psicanálise na Escola neste ano (2018)?”. Os quatro espaços foram concebidos a partir das atividades de formação da Escola. Dentre as atividades existentes, quatro foram escolhidos pelos analistas para a montagem do Encontro: Departamento de Psicanálise com Criança & Adolescente; Núcleo de Iniciação aos Conceitos

Fundamentais da Psicanálise; Grupo de Leitura sobre a Fantasia na Experiência Psicanalítica; e Grupo de Leitura de textos de Freud. A cada um dos quatro espaços tivemos dois analistas a postos para escutar o que cada cursista tinha a dizer sobre como foi a sua experiência com relação à transmissão da psicanálise em 2018, testemunho não necessariamente restrito à atividade que tal espaço estava referido. Os analistas não eram os responsáveis pela atividade vinculada ao espaço em questão.

Em um segundo tempo, os quatro espaços se dissolveram e toda a Escola se reuniu para que cada analista pudesse falar sobre o que escutou dos testemunhos dados pelos cursistas. A inspiração do formato desse Encontro veio do já citado dispositivo da passe proposto por Lacan: analistas, enquanto desempenhando a função de passadores, em um primeiro momento escutam o que o passante, aquele que solicitou a passagem, tem a dizer; em um segundo momento, os analistas passadores se deslocam do lugar da escuta e passam a falar para um júri sobre o que escutaram do passante. Quem se dispõe a escutar e depois a falar do que escutou está nesta posição de *'pas sage'*, expressão usada por Lacan em seu seminário sobre o ato analítico para falar da posição de analista. Podemos jogar com a homofonia de *'pas sage'*: se em francês podemos traduzir *'pas sage'* como aquele que não sabe, o não sábio, posição fundamental do analista, em português temos este não sabedor como aquele que operacionaliza uma passagem, ou ainda, que se encarrega do impossível da transmissão.

No primeiro momento, cada cursista falou a seu modo: alguns apresentaram trabalhos escritos num esforço para articular textos e conceitos que vinham sendo estudados; outros falaram de suas dificuldades em compreender conceitos de Lacan; outros se restringiram a falar sobre o que compreenderam especificamente na dimensão da atividade em jogo naquele espaço; outros falaram das dificuldades em seus percursos na prática analítica; outros ainda falaram sobre impasses e angústias diante da formação em psicanálise, outros falaram saudosamente sobre o funcionamento universitário, outros faltaram.

No segundo momento que marca a mudança de posição de analista para sujeito, deslocamento da posição de escuta para a posição de falador, cada analista falou também a seu modo: uns se ativeram mais a relatar o que teria sido dito, outros apontaram mais as falhas e tropeços dos ditos, outros trouxeram um certo esquadramento dos testemunhos a partir da teoria dos discursos.

O terceiro momento aconteceu com a discussão que encerrou o Encontro na qual todos puderam debater ideias e impressões sobre o que foi experienciado. De certo modo, tivemos aqui o momento análogo ao do júri no dispositivo da passagem: desta vez cada participante expôs suas reflexões sobre o que foi apresentado. Ficou evidente que cada um está inserido na Escola a partir de sua posição subjetiva e de suas transferências. Cada um se engancha a seu modo. Parece uma conclusão tola mas, levando em consideração que os não-tolos erram - daí a importância do *pas sage* - e percebendo os efeitos que o Encontro provocou, o que parece tolo nos diz muito: um dos cursistas, por exemplo, se assustou ao perceber na fala do analista que o escutou como ele, cursista, estava querendo reproduzir na Escola sua trajetória na universidade. Este susto, esta surpresa, este despertar como efeito do Encontro abriu a possibilidade um reposicionamento. Temos aí o vislumbre de uma articulação entre a psicanálise em extensão, a presentificação da psicanálise no mundo pela Escola, e em intensão, o dispositivo psicanalítico propriamente dito, dobradiça indicada por Lacan também em sua Proposição de 67. Do trabalho de transferência à transferência de trabalho. É o que está em jogo na transmissão da psicanálise na Escola. Se o susto do sujeito abriu a possibilidade de um reposicionamento, estamos falando de algo da ordem de uma retificação na posição discursiva.

Para finalizar, gostaria de lançar mais algumas questões. Se lançarmos mão da estrutura do tempo lógico proposto por Lacan - instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir - na situação de uma passagem, podemos pensar que o momento de concluir se dá na manifestação do júri sobre o que foi escutado do pedido de passagem? Na situação do nosso 41º Encontro, o momento de concluir consistiria no debate posterior às apresentações dos analistas sobre o que foi escutado a partir dos testemunhos dos cursistas?

Em uma outra trilha, se recorrermos à topologia, podemos pensar o quanto o Encontro Anual em um formato marcadamente não acadêmico/burocrático pode ser concebido como um corte na banda de Moebius? Não o corte longitudinal exatamente no meio da banda que é um corte definitivo que desfaz a dimensão imaginária da banda em sua propriedade fundamental e que poderia ser pensado ao final de uma análise, mas sim o corte longitudinal não central no qual algo cai mas ainda assim a banda se mantém. Seria assim também o encerramento de cada sessão num percurso de análise em intensão? O que se mantém no corte na Escola é o laço que incrivelmente une ímpares em pares?

Bem, são perguntas que brotam a partir destas pegadas que aqui trago, perguntas que lanço ao debate e que, quem sabe, poderão também serem retomadas na próxima Lacano...